

BERNOULLI COLÉGIO E PRÉ-VESTIBULAR



http://www.colegiobernoulli.com.br/bernoulli_resolve/

Leia estes textos, em que se aborda a aprovação pelo MEC do livro *Por uma vida melhor* e se discutem questões relacionadas ao ensino da língua materna:

TEXTO 1

Falando errado

Morro e não consigo ver tudo. Na quadra da vida em que nos encontramos, esta expressão popular se torna latente. O Ministério da Educação aprova o uso do livro "Por uma vida melhor", da "Coleção Viver, Aprender", cujo conteúdo ensina o aluno a falar errado. É isso mesmo! A justificativa tem uma certa pompa ao criar um novo apêndice linguístico, quando fundamenta que o aluno do ensino fundamental deve aprender a usar a "norma popular da língua portuguesa". Os autores da obra defendem o uso da "língua popular" afirmando que a "norma culta não leva em consideração a chamada língua viva". Ora, ora! Temos, aí, tempos revolucionários, que implicam novas regras na comunicação e expressão. Há poucas semanas foi o surgimento de projeto de lei que determina a extinção de palavras estrangeiras em escritas oficiais e em publicidades. Agora, em documento oficial — um livro aceito pelo MEC —, escreve-se errado para ensinar a falar errado. Assim sendo, não poderemos criticar [...] a quantidade de lastimáveis programas no horário nobre da televisão e outras barbaridades perpetradas à cultura brasileira.

SANTOS, Milton. *Jornal do Comércio*, 17/5/2011.

Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=62332>>. (Fragmento)

Acesso em: 20 jun. 2011.

TEXTO 2

Polêmica ou ignorância?

Discussão sobre livro didático só revela ignorância da grande imprensa

[...] Polêmica? Por que polêmica, meus senhores e minhas senhoras? Já faz mais de quinze anos que os livros didáticos de língua portuguesa disponíveis no mercado e avaliados pelo Ministério da Educação abordam o tema da variação linguística e do seu tratamento em sala de aula. [...]

Já no governo FHC, sob a gestão do ministro Paulo Renato, os livros didáticos de português avaliados pelo MEC começavam a abordar os fenômenos da variação linguística, o caráter inevitavelmente heterogêneo de qualquer língua viva falada no mundo, a mudança irreprimível que transformou, tem transformado, transforma e transformará qualquer idioma usado por uma comunidade humana. Somente com uma abordagem assim as alunas e os alunos provenientes das chamadas "classes populares" poderão se reconhecer no material didático e não se sentir alvo de zombaria e preconceito. [...]

Nenhum linguista sério, brasileiro ou estrangeiro, jamais disse ou escreveu que os estudantes usuários de variedades linguísticas mais distantes das normas urbanas de prestígio deveriam permanecer ali, fechados em sua comunidade, em sua cultura e em sua língua. O que esses profissionais vêm tentando fazer as pessoas entenderem é que defender uma coisa não significa automaticamente combater outra. Defender o respeito à variedade linguística dos estudantes não significa que não cabe à escola introduzi-lo ao mundo da cultura letrada e aos discursos que ela aciona. Cabe à escola ensinar aos alunos o que eles não sabem! Parece óbvio, mas é preciso repetir isso a todo momento. [...]

O mais divertido (para mim, pelo menos, talvez por um pouco de masoquismo) é ver os mesmos defensores da suposta "língua certa", no exato momento que a defendem, empregar regras linguísticas que a tradição normativa que eles acham que defendem rejeitaria imediatamente. Pois ontem, vendo o *Jornal das Dez*, da Globo News, ouvi da boca do sr. Carlos Monforte essa deliciosa pergunta: "Como é que fica então as concordâncias?"

BAGNO, Marcos.

Disponível em: <http://marcosbagnos.com.br/site/?page_id=745>. (Fragmento).

Acesso em: 20 jun. 2011.

1. **EXPLÍCITE** o ponto de vista defendido em **cada texto** e **CITE** argumentos que os autores mobilizam para defender sua posição.

2. No final do Texto 2, o autor cita a fala de um jornalista como exemplo que contraria a **gramática normativa**.

A) **IDENTIFIQUE** a regra gramatical a que se refere o autor e **EXPLIQUE** por que ela não foi respeitada na fala do jornalista citado.

B) **REESCREVA** a frase do jornalista, de modo a adequá-la à norma do português padrão.

C) **EXPLIQUE** por que o autor do texto qualifica a situação de emprego da frase do jornalista como "divertida".

RESOLUÇÃO:

1. Milton Santos, por meio de uma perspectiva irônica, condena o conteúdo do livro "Por uma vida melhor", ou seja, o trabalho com as variantes linguísticas populares na escola. Desse modo, valoriza apenas o ensino do português padrão, adotando uma perspectiva excludente e preconceituosa do ponto de vista linguístico. Para fundamentar seu ponto de vista, aponta o fato de que esse livro, por ter sido aprovado pelo próprio Ministério da Educação e Cultura, funciona como um documento oficial, em que se escreve errado para ensinar a falar errado, o que evidenciaria a chegada de "tempos revolucionários, que implicam novas regras na comunicação e expressão". O autor argumenta, ainda, que, como a adoção da perspectiva proposta no livro "Por uma vida melhor" e oficializada pelo MEC, os lastimáveis programas de televisão e "outras barbaridades perpetradas à cultura brasileira" estariam justificadas oficialmente.

Marcos Bagno, por sua vez, defende o trabalho com as variantes linguísticas populares na escola. Para fundamentar seu ponto de vista, enfatiza o caráter heterogêneo das línguas vivas e as transformações inevitáveis por que elas passam, já que são usadas por uma comunidade humana em permanente evolução. Além disso, aponta o fato de que as chamadas classes populares podem se reconhecer no material didático, sentindo-se respeitadas, integradas, e não como alvo de preconceito, o que facilitaria o processo de ensino-aprendizagem. O autor deixa claro, ainda, que o trabalho com variedades populares da língua na escola não exclui o ensino da norma padrão. Para ele, cabe a essa instituição introduzir os alunos "ao mundo da cultura letrada e aos discursos que ela aciona", sem desprezar o conhecimento de língua que eles já possuem.

2. A) A regra geral de concordância verbal postula que o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere. Na frase citada, "Como é que fica então as concordâncias?", o sujeito é o termo "as concordâncias", que está no plural, de modo que o verbo "ficar" também deveria ser flexionado na 3ª pessoa do plural para que a frase estivesse adequada à norma culta padrão. Esse tipo de erro de concordância verbal é bastante comum em frases em que o sujeito é posposto, ou seja, aparece depois do verbo. Provavelmente, por esse motivo, o autor da frase em análise errou concordância verbal.

B) "Como é que ficam, então, as concordâncias?"

C) A frase do jornalista pode ser considerada divertida uma vez que ele, defensor da norma gramatical, acaba por não observá-la ao deixar de fazer a concordância verbal conforme os moldes do português padrão.

Português – Questão 02

Leia estes trechos, atentando para os conectivos neles destacados:

TRECHO 1

Ouvimos o ferrolho da porta que dava para o corredor interno; rema a mãe que abria. Eu, **uma vez que** digo tudo, digo aqui que não tive tempo de soltar as mãos da minha amiga...

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997. p. 67.

TRECHO 2

Fomos jantar com a minha velha. Já que lhe podia chamar assim, **posto que** os seus cabelos brancos não o fossem todos nem totalmente; e o resto estivesse comparativamente fresco...

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997. p. 165.

1. **REESCREVA** cada um desses trechos, **substituindo** o conectivo destacado por outro de igual valor e fazendo as **adaptações necessárias**.

Trecho 1:

Trecho 2:

2. **EXPLICITE** o tipo de relação que **cada um** desses conectivos estabelece entre as orações, nos trechos em que estão empregados.

Trecho 1:

Trecho 2:

RESOLUÇÃO:

1.

Trecho 1: Ouvimos o ferrolho da porta que dava para o corredor externo: era a mãe que abria. Eu, **já que / porque / visto que / como** digo tudo, digo aqui que não tive tempo de soltar as mãos de minha amiga.

Trecho 2: Fomos jantar com a minha velha. Já lhe podia chamar assim, **mesmo que / embora / ainda que / apesar de que** os seus cabelos brancos não o fossem todos nem totalmente; e o rosto estivesse comparativamente fresco...

Há ainda a opção de usar preposições e locuções prepositivas como conectivos, observando a alteração do verbo: ..., **por dizer tudo**, ..., no trecho 1 e ..., **apesar de os seus cabelos não serem todos nem totalmente brancos...**, no trecho 2.

2.

Trecho 1: relação de causa.

Trecho 2: relação de concessão.

Português – Questão 03

Leia este trecho:

As mentiras de Maria Bráulia, como as de todos os bem-sucedidos e experimentados mentirosos, geralmente não são formadas de uma peça só, contêm vários elementos, muitos verdadeiros, e sob esse aspecto pode-se observar nelas alguma semelhança com os rubis falsos ou semi-falsos em montagens do tipo doublets e triplets. Maria Bráulia por exemplo sofre de enxaquecas, o que não quer dizer que sempre quando anuncia a proximidade de uma crise isso seja a expressão da verdade. Ou pode juntar sintomas verdadeiros, mal-estar generalizado, leve enjoo etc., a uma enxaqueca inexistente. Ou descrever minuciosamente para o sobrinho, sempre muito impressionado, sintomas tais como: agulhadas de um lado só da cabeça, moscas luminosas voejando-lhe ao redor dos olhos, pressão do globo ocular esquerdo como se um dedão invisível quisesse afundá-lo definitivamente na órbita — para marcar uma enxaqueca branda, já controlada por remédios e que absolutamente, em nenhum momento de sua evolução, chegara a apresentar tais características.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. *Joias de família*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 21-22.

Com base na leitura desse trecho, **ANALISE** o papel que a **mentira** desempenha no enredo da obra *Joias de Família*, **destacando** as relações que a protagonista mantém com o marido e com o sobrinho.

RESOLUÇÃO:

A mentira constitui a base do enredo sobre o qual o romance *Joias de Família*, de Zulmira Ribeiro Tavares, é construído. Tudo dentro do livro deve ser relativizado a partir de um olhar em que se confia desconfiando. Tomando a relação entre Maria Bráulia e o juiz Munhoz, percebe-se a falsidade em vários aspectos. O contato entre Munhoz e o seu secretário particular (ou fisioterapeuta) representa uma grande mentira, uma vez que entre os dois existe o afeto homoerótico, convenientemente negligenciado pela protagonista. Quanto ao sobrinho, Julião, nota-se que a tia, desconfiada dos interesses dele quanto à herança, deliberadamente falseia a veracidade (ou não) da joia (o rubi sangue de pombo) que fora avaliada por ele. Hipocritamente, Maria Bráulia alimenta as relações falseadas com esses dois personagens, buscando auferir vantagens pessoais.

Português – Questão 04

Leia estes trechos:

TRECHO 1

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997. p. 3.

TRECHO 2

Desse antigo verão que me alterou a vida restam ligeiros traços apenas. E nem deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 26.

A partir da leitura desses trechos, **EXPLIQUE como**, em **cada uma** das obras referidas, o narrador aborda as possibilidades de a escrita reconstituir o passado.

RESOLUÇÃO:

Embora considere a legitimidade de sua perspectiva sobre o suposto adultério de Capitu (da qual o leitor, obviamente, desconfia), o narrador-personagem do romance machadiano considera no trecho as limitações que encontrou para registrar suas memórias, dada a distância temporal dos acontecimentos. Daí o reconhecimento de que a recuperação do passado através da escrita não é feita de maneira fidedigna, visto que a formulação literária de suas reminiscências são assumidamente precárias: "(...) se o rosto é igual, a fisionomia é diferente". Já nas memórias do alagoano Graciliano Ramos, as lacunas do passado são preenchidas muitas vezes pela imaginação, sem que o imperativo do rigor historiográfico determine os rumos da narrativa. Em *Infância*, as imprecisões das lembranças incitam o narrador-personagem à fantasia criadora, e o seu registro memorialístico resulta no processo criativo da narrativa de ficção.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

